

ÍNDICE

EDITORIAL	5
-----------------	---

TEXTOS DE ADRIANO MOREIRA NA *NOVA ÁGUIA*

26 Excertos	7
-------------------	---

II CONGRESSO EÇA DE QUEIROZ, 150 ANOS

“UM RISO QUE PELEJA”: NOS 150 ANOS D’ <i>AS FARPAS</i> DE EÇA E RAMALHO Álvaro Costa de Matos.....	18
CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS NA FICÇÃO QUEIROSIANA Annabela Rita.....	24
A VERTENTE INTIMISTA E A FRATERNIDADE UNIVERSAL NA PROBLEMÁTICA RELIGIOSA DE EÇA DE QUEIROZ Brunello Natale De Cusatis	27
EÇA DE QUEIRÓS E “O DOM AUGUSTO DE RIR” Carlos Nogueira	35
A IRONIA COMO FILOSOFIA EM FRADIQUE MENDES César Tomé	45
EÇA DE QUEIROZ NA “COLEÇÃO MESTRES DA LÍNGUA PORTUGUESA” Jorge Chichorro Rodrigues.....	53
CHARLES BAUDELAIRE EM CARLOS FRADIQUE MENDES La Salette Loureiro.....	57
“PANTEÍSMO CRÍSTICO”: O “PANTEÍSMO FANTÁSTICO” COMO REPRESENTAÇÃO DA MATERIALIDADE DE CRISTO Manuel P. Fernandes	73
O ANTICLERICALISMO COMO UM PANO DE FUNDO NAS CONFERÊNCIAS DEMOCRÁTICAS Manuel Gama	80
EÇA DE QUEIROZ NO CHILE: A OBRA DE JOAQUÍN EDWARDS BELLO Maria do Carmo Cardoso Mendes.....	92
<i>O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA</i> , UM ROMANCE SINGULAR NA LITERATURA PORTUGUESA Paula Oleiro	95
A QUESTÃO DE DEUS NA ESPIRITUALIDADE ROMÂNTICA E NATURALISTA DE EÇA DE QUEIROZ Samuel Dimas	102

REPENSAR PORTUGAL, À LUZ DE *PORTUGAL, RAZÃO E MISTÉRIO*, DE ANTÓNIO QUADROS (II)

ALGUMAS NOTAS SOBRE A IDEIA DE PORTUGAL EM ANTÓNIO QUADROS Manuel Cândido Pimentel.....	106
A TELEOLOGIA ESCATOLÓGICA DE ANTÓNIO QUADROS EM DIÁLOGO COM SAMPAIO BRUNO E LEONARDO COIMBRA Samuel Dimas	108
DIVAGAÇÕES EM TORNO DE <i>O MOVIMENTO DO HOMEM</i> DE ANTÓNIO QUADROS César Tomé	111

ANTÓNIO MARQUES BESSA, UM ANO APÓS A SUA PARTIDA

UM HOMEM LIVRE: ANTÓNIO MARQUES BESSA (1949-2022) Jaime Nogueira Pinto	120
A UNIÃO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXACTAS NA TRADIÇÃO DE VINTILA HORIA Duarte Branquinho	122
TEORIA E MÉTODOS DE ANÁLISE DE POLÍTICA EXTERNA E DE POLÍTICA INTERNATIONAL NA PERSPECTIVA DE MARQUES BESSA Nuno Morgado	125

OUTROS VULTOS

AMORIM DE CARVALHO António Braz Teixeira.....	134
ANTÓNIO SALVADO António José Borges	140
ANTÓNIO TELMO Risoleta C. Pinto Pedro.....	141
BRUNO DE SOUSA José Almeida	145
EUGÉNIO DE ANDRADE António José Borges	148
HENRIQUE LEVY Elter Manuel Carlos	150
JOSÉ MATTOSO Nuno Sotto Mayor Ferrão	155
MÁRIO CESARINY António José Borges	157
OLIVEIRA MARQUES Nuno Sotto Mayor Ferrão	160
PAULO TUNHAS João Maurício Brás.....	168
TEODORO DE ALMEIDA Marta Mendonça	169

OUTROS VOOS

A ÚLTIMA AULA | António Aresta 180

FILOSOFIA E ENSINO DA FILOSOFIA EM PERSPETIVA | Artur Manso 182

EDUCAÇÃO, FILOSOFIA, RELIGIÃO | Emanuel Oliveira Medeiros 190

NADA É O NOSSO LADO DE DEUS | João Seabra Botelho 198

OS DESCOBRIMENTOS A DESCOBERTO | Joaquim Domingues..... 201

SOBRE UMA PASSAGEM NO SÃO PAULO DE PASCOAES:
O SENTIDO PAULINO DE “ATRAVÉS” | Luís de Barreiros Tavares 204

SOBRE BUDISMO E CRISTIANISMO (E ARISTOTELISMO?) | Luís Furtado 209

REENCONTROS | Mário Vieira 211

ΜΕΘΟΔΟΣ: POR ONDE E PARA ONDE IR | Paulo Ferreira da Cunha 218

DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS | Renato Epifânio 224

O ALQUIMISTA DO TÚMULO DE D. FERNANDO
NO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO | Rui Martins 227

AUTOBIOGRAFIA 12 (CONTINUAÇÃO) | Samuel Dimas 230

CIDADANIA E IDENTIDADES SOCIOCULTURAIS | Susana R. Bravo 245

EXTRAVOO

OS LEONARDINOS | António Telmo 248

PERIÓDICOS ETERNOS

MINERVA LUSITANA | Pedro Vistas 256

BIBLIÁGUIO

A REFLEXÃO ÉTICA LUSO-BRASILEIRA | Renato Epifânio..... 262

TEIXEIRA DE PASCOAES, POESIA I | José Almeida..... 263

A GLÓRIA DA INVENÇÃO: UMA APROXIMAÇÃO AO
PENSAMENTO INICIÁTICO DE ANTÓNIO TELMO | José Faro 264

A LUZ DOS LUSOS: ENSAIOS DE FILOSOFIA FILOSOFANTE
A PROPÓSITO DE LUMINARES DA CULTURA PORTUGUESA | Renato Epifânio 266

IDEIAS SEM CENTRO: ESQUERDA E DIREITA NO POPULISMO CONTEMPORÂNEO | José Almeida 267

FRAGAS: HOMENAGEM A MIGUEL TORGA NOS 25 ANOS DA SUA MORTE | António José Borges 268

ENSAIOS DE ESPELHO | José Almeida 270

POEMÁGUIO

OS AMANTES SEM DINHEIRO | Eugénio de Andrade 7

RECOLECTOR | Manuel Dugos Pimentel..... 17

ARTESANATO | Joel Henriques..... 105

BOIAM LEVEMENTE OS VENTOS;
ADORMECIA NUMA PERNA DELA EM APENAS UMA DÉCIMA | António José Borges 118-119

BIMYO | José Rui Teixeira 133

COM O SOL À CABECEIRA | Jaime Otelo..... 178-179

DOURADA ESPIGA | Marta David..... 246

DESBASTANDO O POEMA | Maria Luísa Francisco 247

OURO E PRATA | Luísa Costa Macedo 254

O POETA; REIVINDICAÇÃO | Delmar Maia Gonçalves 255

MÁRIO CESARINY, O MORTO VIVO; CESARINY NA MORTE;
O CAVALEIRO SEM CORAÇÃO; ELOGIO DO IMPERADOR D. PEDRO I | Jesus Carlos 260-261

MORADAS: CADERNO POÉTICO E VISUAL

BRAÇO DE PRATA | Luísa Borges 272

EDITORIAL

No trigésimo segundo número da *Nova Águia*, começamos por celebrar a memória viva – e amiga – de Adriano Moreira, recordando a sua tão extensa quanto valiosa colaboração na nossa Revista, em que publicou mais de duas dezenas e meia de textos. Em todos esses textos, avultam as preocupações de sempre de Adriano Moreira – em particular, a sua preocupação com o presente e – sobretudo – o futuro da Lusofonia.

Daí a sua assumida cumplicidade com este projecto – como ele próprio assinalou publicamente, por mais de uma vez, os Congressos da Cidania Lusófona, promovidos pela *Nova Águia* e pelo MIL (Movimento Internacional Lusófono), há já mais de uma década, são o retomar, no século XXI, dos Congressos das Comunidades de Cultura Portuguesa, que ele próprio organizou nos anos sessenta, tentando então consolidar a Comunidade Lusófona, numa base de Liberdade e de Fraternidade. Um ano após a sua partida, celebramos, pois, mais do que uma figura, um sonho: o nosso sonho comum, ainda por cumprir.

Publicamos ainda neste número da *Nova Águia* os textos apresentados no II Congresso Internacional “Eça de Queiroz, 150 anos”, que se realizou em 2021, igualmente por iniciativa da *Nova Águia* e do MIL – em parceria com outras entidades académicas e culturais. Recorde-se, a este respeito, que no vigésimo oitavo número da nossa Revista haviam já sido publicados os textos apresentados no I Congresso Internacional “Eça de Queiroz, 150 anos”, decorrido em 2019.

De seguida, conforme o prometido, publicamos os textos apresentados na segunda mesa-redonda

“Repensar Portugal, à luz de *Portugal, Razão e Mistério*”, que decorreu em Novembro de 2022, na Fundação António Quadros, já no âmbito das comemorações do centenário de nascimento deste vulto maior da cultura de língua portuguesa, em que a *Nova Águia* participa. Neste número, evocamos igualmente António Marques Bessa, um ano após a sua partida, publicando três textos apresentados numa sessão em sua expressa Homenagem, que decorreu na Sociedade de Geografia de Lisboa, no Auditório Adriano Moreira, em Abril do corrente ano.

Evocamos ainda neste número da *Nova Águia* outros onze vultos da cultura lusófona – nomeadamente, dois centenários (Eugénio de Andrade e Mário Cesariny) e um tri-centenário (Teodoro de Almeida) –, e publicamos mais de uma dúzia de “Outros voos”. Em “Extravoo”, publicamos um inédito de António Telmo (“Os Leonardinos”). Em “Periódicos Eternos”, recordamos a *Minerva Lusitana*, e, no “Bibliáguio”, damos destaque a mais de meia dúzia de obras, começando por mais um monumental livro de António Braz Teixeira (*A reflexão ética luso-brasileira*), nos dias de hoje, de forma indisputável, “o maior hermeneuta vivo do nosso universo filosófico e cultural, não só português mas, mais amplamente, lusófono”.

A DIRECÇÃO DA NOVA ÁGUIA

Post Scriptum: Dedicamos este número a António Manuel Couto Viana, que faria igualmente 100 anos em 2023. No próximo ano, iremos aqui recordá-lo, a par de Agostinho da Silva, por ocasião dos 30 anos da sua partida.

O CENTENÁRIO DE VIEIRA

A meditação a que somos chamados nesta circunstância do centenário de Vieira e de viragem do milénio, ensina uma vez mais que não são os impérios que duram, são as culturas que têm a vocação da eternidade. O Vieira mestre da língua e da oratória, a brasilidade de Vieira, a determinação perante a adversidade, o universalismo que para ele seria católico, mais Igreja Império em todo o mundo do que império nacional, tudo são referências que definiu a partir de antigas cogitações, mas que encontram réplica em exigências prementes deste milénio. Que inspiram ambições formalizadas na CPLP, que ajudam a procurar recuperar uma presença activa da Europa camonianiana. Um pensamento, uma acção, um ideário que iluminou um chamado “período escuro” da nossa história, contra o isolamento internacional, deliberado e intransigente contra a alienação ibérica, tendo sempre presente o dever cívico de responder às contingências de conjunturas desafiantes. Lembrarei finalmente a questão do tempo em Vieira que, na História do Futuro, pensando o Quinto Império, ensina, que somos, cristãmente, seres históricos tanto pelo passado como pela história apocalíptica que nos orienta para o futuro. Para entender que os países, as culturas, são um futuro com passado. É sobretudo a esta luz que celebramos Vieira, confiados na validade do recurso à “sabedoria dos mortos talentosos”.

IN NA2

EUROPA, A MATRIZ DO OCIDENTE

Recordar e assumir que a Europa é a matriz do Ocidente, e que, num mundo que se organiza por regiões, patamares da procurada governança mundial, essa definição deve ser estruturada, de modo que o Atlântico não seja dividido por metades, é uma necessária recusa de voltar à história de cada Estado europeu não ter Estados vizinhos, mas apenas inimigos íntimos. Recordar aos EUA e à Europa o olhar do Abade Correia da Serra, o amigo de Jefferson, quando via no Reino Unido de Portugal-Brasil o dinamizador no Sul dos anúncios de Filadélfia no Norte, tem

nova definição política, mas a mesma exigência. A *Europa região*, matriz e dinamizadora do Ocidente, exige definição de governabilidade antes de qualquer expansão, fronteiras amigas na busca de segurança, política de multiculturalismo e não de apenas cosmopolitismo, fim das políticas furtivas, verdade em todo o processo político.

IN NA4

O TEMPO E AS UNIDADES DE VIDA

Refiro as regras da arte médica que ajudam a recuperar um ritmo, se possível sem angústia, da clepsidra que regula o dispêndio das unidades de vida em que se traduz o tempo curto de cada pessoa, cada uma sendo um fenómeno que não se repete na história da humanidade. Um tempo curto que as *regras da arte*, da vossa *arte de médicos*, exercida com *ciência, sabedoria, e compaixão*, amparam ao longo da breve Travessia. Porque, voltando a Montaigne, “termine nossa vida quando terminar, ela aí está inteira. A utilidade de viver não está no espaço de tempo, está no uso. Uma pessoa viveu longo tempo e no entanto pouco viveu; atentai por isso enquanto estais aqui. Terdes vivido o bastante depende de vossa vontade, não do número de anos”.

IN NA5

UMA PROSPECTIVA DA CPLP

A língua é o nosso instrumento mobilizador do mais importante dos capitais de recuperação, porque transporta valores, nunca é neutra. Com a língua portuguesa acontece que, implantada em todas as latitudes, também, como aconteceu com o cruzamento das espécies, se tornou mestiça. Por isso tenho afirmado que *a língua portuguesa não é nossa, também é nossa*, querendo significar que em cada lugar de implantação, pela soberania, pela evangelização, ou pelo comércio, agregou valores que lhe dão especificidade na adopção plural que conseguiu. Tem um traço comum, a que sempre chamei *a maneira portuguesa de estar no mundo*, que é a sua trave mestra, o conceito que une todas as etnias e culturas que atraiu, e que permitiu a formação da CPLP.

Nenhuma das potências, que participaram no Império Euromundista, conseguiu organização semelhante, nem mesmo a Espanha que também implantou o castelhano em tantos lugares. Esta união de pessoas que conservam a identidade específica e a ligação comum que é a língua, constitui um instrumento, e o exemplo, da capacidade de responder à exigência de finalmente reconhecer que a Terra é a casa comum dos homens, que sem diferenças de etnias, crenças, e culturas, todos participam a mesma aventura de viver, e que o globalismo que realmente os unifica é enfrentarem um risco global. A contribuição dos que partilham a maneira portuguesa de estar no mundo para o património comum da humanidade, que inclui os valores que apontam para colocar o diálogo no lugar do combate, e alargar o reconhecimento recíproco pelo respeito que dispensa a tolerância, é uma parcela valiosa e indispensável desse património. E também contribuição para a segurança de que será possível reconstruir um novo futuro promissor, para além da crise brutal, e das ameaças inquietantes.

IN NA7

AS CULTURAS DOS POVOS DE MEDITERRÂNEO

O facto é que o Mediterrâneo se transformou em turbilhão que vai alastrando pelo cinturão muçulmano que divide o Norte do Sul do Mundo, que o risco da guerra atípica acresceu, que as sociedades civis vivem sem confiança, e, sobretudo, que a *fronteira da pobreza*, que no século passado esteve no Sul do Saara, ultrapassou o Mediterrâneo para absorver os territórios dos países do Sul da Europa, em que Portugal se encontra: a pobreza está com os países mediterrânicos.

A esperança também está, com o seu património imaterial que faz parte do património da Humanidade: os direitos humanos, a paz no lugar do combate, o diálogo no lugar do conflito, o multiculturalismo como valor, o respeito no lugar da tolerância, fazem parte da cultura desses povos do sul da Europa, obrigados agora a serem os que sabem estender a mão fraterna aos povos do sul desse Mar que, pelo menos as migrações clandestinas, ameaçam transforma em cemitério. Os responsáveis pelo chamado Tratado de

Lisboa, nesta época de escombros, têm motivos para repensar a decisão de omitir a referência aos valores cristãos no texto do Tratado.

A situação em que se encontram os povos europeus do Mediterrâneo, é a de estarem limitados ao sul pelo turbilhão muçulmano, e limitados a norte pela fronteira da pobreza que absorveu aquele mar do Império Romano. Será realista falar na divisão entre duas Europas, a Europa rica do Norte, com a Alemanha como ponto de referência principal, e a pobre mais representada, nesta data de crise, pela Grécia, Portugal, e Espanha. Pelo que subitamente parece que as contribuições que referi, com omissões, para o património imaterial da Humanidade, são ensombradas, pela visão menos lisonjeira, vinda do Norte.

IN NA8

DISCURSO DE DOUTORAMENTO HONORIS CAUSA NA UNIVERSIDADE DO MINDELO

Um povo como o cabo-verdiano, pela sua maneira de estar no mundo, pode, pelas suas Universidades, contribuir para definição do paradigma global em que se afadiga Kung, ou, como proclama a ilustre Vandana Shiva, uma física que luta pela justiça global, conseguir que a regulação da governança mundial em crise, reponha a ONU como o lugar onde todos falam com todos, para conseguir “*uma democracia da terra*”. Pela língua que transporta valores, pelo mar que todos os Estados da CPLP partilham, podem e devem contribuir, todos em união, para que esse paradigma mundial seja formulado, para que a fronteira da pobreza não se agrave, e recue, para que a dignidade igual de todos os seres humanos seja uma definitiva barreira contra todas as iniquidades que subsistem. Que Deus abençoe Cabo Verde e a Universidade.

IN NA9

O PORTUGAL DE HOJE O HOMEM DE SEMPRE

Quando D. João II, o Homem, interrompeu a tarefa marítima foi para definir o conceito estratégico, com os recursos humanos, científicos, e financeiros, exigíveis para finalmente chegar à Índia com a esquadra comandada por Vasco



A ETNIA E A CULTURA

O mundo seria outro sem as descobertas, Portugal seria outro sem Camões, o Brasil seria outro sem Gilberto, a ocidentalização seria outra sem os mártires. Destes lembrarei a notícia que o Doutor Almerindo Lessa, fervoroso discípulo de Teilhard de Chardin, e seguidor de Gilberto Freyre, dá do Missionário José Damião de Vensster, nascido em 3 de Janeiro de 1840 na Bélgica. Porém, sendo frade da Ordem dos Sagrados Corações, e tendo apenas 33 anos de idade, decidiu ir para a Ilha Molokai do Hawaii, local de concentração de leprosos, e onde, como diz o Doutor Almerindo Lessa, “só havia uma porta, a de entrada”: passou à história como “o Missionário do Éden da Morte”, no qual faleceu, também leproso, em 15 de abril de 1889.

Em 1986, a Pátria quis que os seus ossos viessem para o cemitério natal de Tremerloo. Também podemos enumerar exemplos de missionários, de marinheiros, de militares, sacrificados à ocidentalização do mundo, tentando implantar valores a favor da vida, que hoje serão património imaterial da Humanidade. A intervenção portuguesa neste plano dos valores culturais, foi entendido por dois homens que estão inscritos na crónica das descobertas e conquistas:

o Almirante Sarmento Rodrigues, que trouxe Gilberto a Portugal, e Agostinho da Silva, que compreendeu e tentou fazer partilhar o conceito de que a cultura seria o que sobreviria à extinção das dominações coloniais, e tentou, sem conseguir ser entendido, que essa fosse a preocupação última mas essencial do fim do Império Colonial dos europeus.

IN NA28

A LUSOFONIA EM TEMPOS DE PÓS-PANDEMIA

É a juventude que, não podendo aceitar o risco de perder o tempo a esgotar pelo outono, espera com justiça que “o governo do mundo” seja encontrado, eficaz, e garante dos tempos de paz. Em vista da situação de fadiga e esgotamento das capacidades de gestão do globo no fim da segunda guerra mundial, aceitar que a estrutura global do mundo é acompanhada com uma exigência, que a falência em curso exige de diferentes especialistas.

Falar em novo governo do mundo não traz consigo a nova imediata organização, mas tem o sentido de abrir caminho à nova criação. Não se trata de repetir a história, trata-se de reinventar o futuro.

IN NA30

“UM RISO QUE PELEJA”: NOS 150 ANOS D’AS FARPAS DE EÇA E RAMALHO

Álvaro Costa de Matos

As *Farpas* foram um notável empreendimento jornalístico de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão criado em 1871, vinte anos depois da insurreição militar liderada pelo marechal duque de Saldanha. Condicionado pela juventude e irreverência de ambos, influenciado pelas leituras académicas de Proudhon, talvez tivesse como fim último fazer uma espécie de balanço crítico do liberalismo português, nomeadamente da Regeneração saída do golpe militar contra o último ministério de Costa Cabral.



“Os dois amigos”. Eça e Ramalho em 1875, na Revista Moderna de 1897 (BNP)

Para testar esta hipótese revisitaremos aqui: 1) o porquê d’*As Farpas*; 2) os temas visados por Eça e Ramalho (sobretudo por Eça, pois nos dois primeiros anos da nova publicação é dele a maioria dos escritos); 3) as reacções que elas suscitaram na época; 4) o novo conceito de jornalismo que *As Farpas* fundaram; 5) por último, a justeza da crítica queirosiana na sua relação com a realidade histórica.

1. “VAMOS RIR POIS. O RISO É UMA FILOSOFIA”

Era a segunda vez que trabalhavam juntos. Depois do sucesso editorial de *O Mistério da Estrada de Sintra*, publicado originalmente no *Diário de Notícias* a partir de 24 de Julho de 1870, Eça e Ramalho decidiram lançar-se num novo projecto: *As Farpas*. Se o primeiro teve como resultado a “publicação do primeiro policial português” (Mónica, 2001, 73), o segundo serviu sobretudo para provocar o *status quo*, através duma *Crónica Mensal da Política, das Letras e dos Costumes*, como se auto-intitulavam *As Farpas*. Datadas de Maio de 1871, começaram a ser publicadas em Lisboa em Junho desse ano até 1882. Voltaram a imprimir-se entre 1887 e 1890 e tiveram uma última série de 1911 a 1915. Mas desde Novembro de 1872 que *As Farpas* não contaram com a colaboração de Eça, que optou por uma carreira diplomática em Havana. *As Farpas* que são analisadas neste artigo são, pois, as *farpas* queirosianas, o grosso dos livrinhos que saíram em 1871-1872 para gáudio dos leitores.

Voltando ao objectivo d’*As Farpas*: no opúsculo de apresentação, cujo sucesso obrigou a uma segunda edição, ficamos logo a saber ao que vinham: “Nós não quisemos ser cúmplices na